

Covid-19. Por que razão a zaragatoa tem de ir ao fundo da fossa nasal?

por Joana Raposo Santos - RTP



Um teste por via nasal bem executado tem uma fiabilidade de entre 80 a 90 por cento. Foto: Callaghan O'Hare - Reuters

Os testes de diagnóstico à Covid-19 requerem uma colheita de células das fossas nasais realizada com uma zaragatoa. Muitos se questionam, porém, por que razão essa zaragatoa tem de ser introduzida até ao fundo dessas fossas, o que habitualmente causa algum desconforto, em vez de se realizar um simples teste à saliva.

No início deste mês, começou a circular nas redes sociais em França uma imagem com uma representação do quão fundo uma zaragatoa é inserida nas fossas nasais aquando do teste à Covid-19.

“Pergunto-me por que colocam uma zaragatoa pelo nariz até ao fundo da cabeça para recolher uma amostra do novo coronavírus, quando afirmam que uma simples gota de saliva tem o potencial de infetar uma vila inteira”, lê-se no texto que acompanha a imagem.

O Facebook já colocou, entretanto, um selo de “informações falsas” na publicação, explicando que “o vírus se aloja nas mucosas e contamina através do ar exalado”. Além disso, a saliva não é o principal veículo de transmissão.



Je me demande pourquoi ils t'enfoncent un Qtip dans le nez jusqu'à l'arrière de la tête pour recueillir un échantillon de Covid-19, quand ils prétendent qu'une simple goutte de salive a le potentiel d'infecter un village complet?

14 16 137

O teste por via nasal com zaragatoas não é novidade, tendo já sido aplicado em larga escala durante a epidemia da gripe A e sendo habitualmente usado para o diagnóstico de outros vírus respiratórios. A principal razão para a sua utilização reside na elevada fiabilidade.

“É o melhor método”, [explicou](#) ao *Le Monde* o professor de virologia Laurent Andreoletti. **“Embora o vírus possa ser encontrado na saliva e na garganta, a sua presença é mais comum nas células do trato respiratório.** E isso permite reduzir a percentagem de falsos negativos”.

Em concreto, segundo o especialista, **um teste por via nasal bem executado tem uma fiabilidade de entre 80 a 90 por cento**, em comparação com os 60 a 70 por cento dos testes à saliva. Isto porque, sendo o SARS-CoV-2 um vírus respiratório, é no trato respiratório que se aloja e é lá que consegue ser detetado primeiro, antes de se desenvolver noutras partes do corpo.

A importância de tapar o nariz, e não só a boca, com a máscara

“Não sabemos exatamente quando é que o vírus chega à saliva”, elucidou por sua vez Bernard Binetruy, diretor de pesquisa no instituto francês de pesquisa biológica Inserm. **“Se fizéssemos apenas testes à saliva, estaríamos a descartar as pessoas que estão ainda na fase inicial da infeção e que, por isso, não seriam detetadas com uma amostra dessas”.**

É por essa razão que a frase que circula nas redes sociais é enganosa. “Uma única gota de saliva não infeta uma vila inteira, isso é completamente falso”, explicou Andreoletti. “A saliva não é um bom meio de transporte para o vírus, que prefere as células do trato respiratório. A transmissão da doença acontece principalmente através do vapor presente na respiração”.

Isso explica por que razão **é recomendável usar a máscara não apenas na boca, mas também sobre o nariz, ao contrário do que muitas vezes se vê.** Até porque muitas das pessoas com Covid-19 expiram mais como consequência da infeção respiratória, aumentando a probabilidade de contágio a quem as rodeia.

Ainda no início deste mês, mais de 250 cientistas enviaram uma carta aberta à Organização Mundial da Saúde (OMS) na qual voltaram a defender que o vírus pode ser transmitido pelo ar. A agência reconheceu, entretanto,

Amostras de sangue não seriam eficazes na deteção do vírus

Uma razão semelhante explica por que não se usam amostras de sangue para detetar o novo coronavírus. Em abril, o professor da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa João Gonçalves [esclareceu à RTP](#) que o vírus tem um “tropismo das vias aéreas, ou seja, precisa de células para se replicar, e as células onde se replica são maioritariamente nas vias nasais e nos pulmões”.

“Muito raramente existe uma quantidade grande de vírus em circulação no sangue”, pelo que a amostra de sangue que se recolhe numa análise não iria detetar uma quantidade de vírus suficiente para que um teste fosse conclusivo. “Por isso é que testamos no local do doente onde potencialmente existe uma maior quantidade de vírus”.

“O que nós conseguimos encontrar no sangue são os anticorpos que se desenvolvem contra o vírus” através de testes que já estão a ser realizados em vários países, incluindo Portugal.

Os resultados preliminares dos testes realizados pelo Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge (INSA) deverão ser divulgados ainda este mês, anunciou recentemente o secretário de Estado da Saúde, António Lacerda Sales.